

**“EU SÓ PROVEI!” Estudantes dos espaços rurais maranhenses entre os consumidores de bebidas alcoólicas**

**“I JUST TASTED IT!” Students from Maranhão's rural areas among consumers of alcoholic beverages**

**“¡SOLO LO PROBÉ!” Estudiantes de espacios rurales maranhenses entre consumidores de bebidas alcohólicas**

**Williane de Fátima Vieira Batista**

Mestra em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora Intérprete do C. E. Prof. Rafael Braga de Oliveira/Rede Estadual do Maranhão. Professora EBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia-IFMA/Campus Bacabal. [williane.vieira@ifma.edu.br](mailto:williane.vieira@ifma.edu.br) / <http://orcid.org/000-0002-3164-5288>

**José de Sousa Costa Filho**

Mestrando em Química pela universidade Federal do Tocantins – UFT. Graduado em Licenciatura Plena em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMA/Campus Bacabal. [josedesousacostafilho1@gmail.com](mailto:josedesousacostafilho1@gmail.com) / <http://orcid.org/0000-0002-9693-8583>

**Luci Mara Bertoni**

Doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Pós-doutorado na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade de Santiago de Compostela (USC/Espanha). Professora Plena do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas e no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Campus de Vitória da Conquista. [profaluci@uesb.edu.br](mailto:profaluci@uesb.edu.br) / <http://orcid.org/0000-0002-3100-1351>

**Luana Vieira de Oliveira**

Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Graduação em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências da Bahia. Graduação em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. [luana\\_dap@hotmail.com](mailto:luana_dap@hotmail.com) / <http://orcid.org/0000-0003-3104-7568>

**Recebido: 30/03/2021; Aceito: 10/06/2021; Publicado: 11/10/2021.**

**RESUMO**

As bebidas alcoólicas, no Brasil, são amplamente aceitas e a primeira experiência de consumo pode ocorrer em crianças que contam com oito anos de idade. Diante desta realidade, esta pesquisa teve como objetivo fazer uma análise sobre tal precocidade. O questionário foi o instrumento escolhido, aplicado de modo individual com o formato de entrevista gravada, aplicado a estudantes do 6º ao 9º ano, residentes em espaços rurais que compõem a região central do Maranhão. Os resultados obtidos mostraram que a falta de informações, dentro ou fora do espaço escolar, é uma das causas para o consumo, cada vez mais precoce, de bebidas alcoólicas por adolescentes.

**Palavras-chave:** Estudantes; Bebidas Alcoólicas; Espaço Rural.

### ABSTRACT

Alcoholic beverages, in Brazil, are broadly accepted. The first experience of alcohol consumption can happen in children as young as eight years old. Given this reality, this research aimed to provide an analysis about the early consumption of beverages. The research instrument used was a questionnaire, applied individually and in the format of a recorded interview, to students from the sixth and ninth grades. These students are residents of rural areas that are part of the central region of Maranhão. The results obtained showed that the lack of information, inside or outside the School, is one of the causes for the consumption increasingly early, of alcoholic beverages by adolescents.

**Keywords:** Students; Alcoholic Beverages; Rural Space.

### RESUMEN

Las bebidas alcohólicas en Brasil son ampliamente aceptadas y la primera experiencia de beber puede ocurrir en niños de 8 años. Ante esta realidad, esta investigación tuvo como objetivo analizar esta precocidad. El cuestionario fue el instrumento elegido, aplicado individualmente con el formato de entrevista grabada, aplicado a estudiantes de 6° a 9° año de la Enseñanza Fundamental, residentes en áreas rurales que conforman la región central de Maranhão. Los resultados obtenidos mostraron que la falta de información, dentro o fuera del espacio escolar, es una de las causas del consumo, cada vez más temprano, de bebidas alcohólicas por parte de los adolescentes.

**Palabras clave:** Estudiantes; Bebidas Alcohólicas; Espacio Rural.

---

## INTRODUÇÃO

O consumo de bebidas alcoólicas tornou-se uma prática social comum, seja por meio do uso recreativo, ligado à diversão e às festas, ou de modo ocasional, quando tal prática está direcionada à construção de novos espaços de socialização e/ou de sua manutenção. Entre os estudantes adolescentes, o consumo de bebidas alcólicas chama à atenção da área da saúde, do campo escolar e de pesquisadores de diversas áreas porque o uso e abuso do álcool pode acarretar inúmeros problemas ligados à saúde, à educação escolar e ao contexto social. Ao constataremos que o consumo abusivo está ocorrendo cada vez mais precoce, também percebemos que, em muitos casos, este vem associado a comportamentos de risco no que diz respeito ao sexo desprotegido, gravidez indesejada, como também evasão escolar ou baixo rendimento no contexto educativo. Assim, os adolescentes entram no rol de maior preocupação diante do consumo do álcool, que já é considerado um problema de saúde pública. Contudo, estes estudantes das áreas rurais parecem estar em situação mais grave porque parece que é mais evidente a falta de políticas públicas nessas localidades. Como consequência, os adolescentes passam invisíveis nas estatísticas e campanhas de prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas.

Nesse sentido, será apresentada uma pesquisa que realizamos junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)/Ensino Superior do Instituto Federal do Maranhão, nos anos de 2019/2020, com 178 adolescentes de dez comunidades

rurais de uma cidade na região central do Maranhão. Sendo este estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário do Maranhão – UNICEUMA – sob o Protocolo número 3.747.983

“Eu só provei” é o relato de uma adolescente de 13 anos, que teve seu contato com o álcool aos oito anos de idade. É sua frase que nos leva a refletir sobre a precocidade do ato, sendo tomada aqui como roteiro que cruzará com diversas outras experiências de outros adolescentes no espaço pesquisado.

Quando a utilização do álcool é iniciada de modo precoce, na infância ou na adolescência, o impacto da bebida sobre a neuroquímica cerebral “resultará em pior ajustamento social, retardando o desenvolvimento de suas habilidades e resultando em prejuízos que o acompanharão ao longo da vida” (SILVA, 2014, p. 07). Estes prejuízos são notados, de modo particular na adolescência, por estarem se reestruturando em termos biológico, social, pessoal e emocional.

## **TRAÇO METODOLÓGICO**

O caminho da pesquisa foi desenvolvido à luz do referencial qualitativo, o qual busca uma compreensão do fenômeno social em pauta. Com esta escolha foi possível uma reflexão sobre os dados obtidos. Com base em Chizzotti (2006), procuramos analisar e interpretar o fenômeno estudado, e isso se deu pela perspectiva dos participantes que partilham um mesmo fenômeno.

O questionário foi o instrumento escolhido para esta pesquisa, sendo aplicado de modo individual pelos pesquisadores com o formato de entrevista gravada e, posteriormente, transcrita. Sendo assim, concebemos a entrevista “como uma conversa a dois com propósitos bem definidos” (CRUZ NETO, 2002, p. 57). Neste formato, foi possível a coleta de dados objetivos e subjetivos. Sobre os dados subjetivos, de acordo com o autor supracitado, são os que correspondem aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Neste sentido, ressaltamos como é de fundamental importância para os procedimentos metodológicos a interação do pesquisador com os participantes. Essa interação nos ajuda a compreender o sujeito em ação, sendo que, através desta compreensão, “somos capazes de entender melhor os aspectos rotineiros, as relevâncias, os conflitos, os rituais” (CRUZ NETO, 2002, p. 62) dos entrevistados, levando em consideração que os sujeitos não são simples espectadores do cotidiano.

A definição dos sujeitos da pesquisa foi realizada mediante critérios determinados pelos pesquisadores, que são: estudantes do 6º ao 9º ano no espaço rural maranhense. Os nomes dos locais foram preservados para não expor os adolescentes pesquisados.

Antes, porém, de apresentarmos a análise dos dados, consideramos necessária uma breve explanação sobre o consumo de bebidas alcoólicas dentro de uma perspectiva histórica.

## **ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DO PERCURSO HISTÓRICO SOBRE O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS**

O consumo de bebidas alcoólicas acompanha a humanidade há milênios, estando presente nas refeições e eventos comemorativos. Ao longo da história, serviu de moeda de troca, fonte de poder e só, posteriormente, o seu consumo tornou-se um problema social (LAPATE, 2001; CARNEIRO, 2005; BERTONI, 2006).

Por volta do ano 8000 a.C, acredita-se que a primeira porção de bebida alcoólica foi preparada na China. Registros de análises de jarros encontrados em Jiahu, no norte do país, revelou que eles continham um drinque feito de arroz, mel, uvas e um tipo de cereja, o teor alcoólico encontrado, estava entre a cerveja e o vinho, segundo experiência do arqueólogo e químico Patrick McGovern da Universidade da Pensilvânia, que reproduziu a receita em laboratório achando o resultado um pouco amargo (GARATTONI, 2008).

Os sumérios aperfeiçoaram a fórmula, criando 19 tipos de bebidas alcoólicas, 16 delas à base de trigo e cevada. A cerveja havia sido então criada. Era uma bebida de elite que os aristocratas sumérios bebiam com canudinhos de ouro, mas pouco tempo depois chegou a todas as camadas sociais (GARATTONI, 2008).

O consumo de cerveja era um hábito comum 2550 anos antes de Cristo. Com sua popularização, a elite migrou para outro tipo de bebida, o vinho. Ganhando relevância geopolítica em Roma, o vinho passou a ser produzido em grande escala, pois sua exportação era vital para manter a estabilidade nas províncias do império. Neste período, os soldados romanos levavam a bebida para desinfetar a água dos lugares por onde passavam e, também, a utilizavam como uma espécie de arma química contra os inimigos. Quando chegavam a territórios que desejavam conquistar, uma de suas estratégias era fingir amizade e dar vinho para os povos locais beberem. No dia seguinte, quando as vítimas estavam acordando de ressaca, os romanos voltavam e faziam um massacre (GARATTONI, 2008).

No século XVI os portugueses já conheciam o vinho e a cerveja, então, logo aprenderam a fazer a cachaça, sendo fácil, pois para fazer o açúcar a partir da cana-de-

açúcar, no processo de fabricação do mosto (caldo em processo de fermentação), acabaram descobrindo um melaço que colocavam no cocho para animais e escravos, denominado de “cagaça”, que depois veio a ser cachaça, destilada em alambique de barro e, muito mais tarde, de cobre (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008).

A cachaça é conhecida de muito tempo, desde os primeiros momentos em que se começava a colonização brasileira.

O açúcar, para adoçar a boca dos europeus, como disse o antropólogo Darcy Ribeiro, da amargura da escravidão; a cachaça para alterar a consciência, para calar as dores do corpo e da alma, para açoitar espíritos em festas, para atizar coragem em covardes e para aplacar traições e ilusões. Para tudo, na alegria e na tristeza, o brasileiro justifica o uso do álcool, da branquinha à amarelinha, do escuro ao claro do vinho, sempre com diminutivos (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008, p. 2)

Mas a produção de cachaça foi logo proibida no Brasil porque Portugal queria garantir o mercado local para seus vinhos. Por conta disso, os senhores de engenho começaram a exportar, clandestinamente, a bebida para Angola, onde eram trocadas por escravos. Segundo Carneiro (2004), a escravidão deste período relacionava-se com o álcool tanto como moeda de troca para o tráfico negreiro, como também, para utilização dos escravos para o plantio da matéria-prima nos alambiques dos engenhos. De acordo com Garattoni (2008), foi o mesmo período em que os negros amotinados em quilombos aprendem a fabricá-la por conta própria.

No livro Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas, de Henrique Carneiro (2005, p. 11), o autor nos mostra como as drogas estavam relacionadas com a expansão do comércio ultramarino:

A palavra “droga” provavelmente deriva do termo holandês *droog*, que significa produtos secos, e que servia para designar, entre os séculos XVI e XVIII, um conjunto de substâncias naturais utilizadas, sobretudo, na alimentação e medicina. Mas o termo também foi usado na tinturaria ou como substância que poderia ser consumida por mero prazer.

Carneiro (2004) destaca que, com as navegações modernas, o vinho difundiu-se também junto com a conversão religiosa, a religião cristã levou seu hábito para as Américas e para todo o mundo.

Somente a partir da revolução industrial, o consumo de bebidas alcoólicas transformou-se em uma preocupação mundial, pois começaram a ser fabricadas com novas tecnologias. Produzidas em grande escala, elas ficaram mais baratas e passaram a ser consumidas em maior quantidade. A partir da revolução industrial inglesa, houve a

mudança no tipo de bebidas fabricadas, passando a ser produzidos destilados na forma de gim e com gradação alcoólica bem maior (LARANJEIRA; PINSKY, 2000), todos esses elementos elevaram os riscos acarretados à saúde.

No século XX, os dados oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstraram que o maior dano à saúde pública mundial neste século foi causado pelo tabaco, seguido do álcool (Carneiro, 2005). Foi neste século que países como a França e os Estados Unidos começaram com mobilizações ao criarem leis e campanhas populares proibicionistas na tentativa de controlar o seu consumo. Para o consumo de bebida alcoólica, a França, no século XX, estabeleceu a maioridade de 18 anos, e o estado americano decretou, em 1920, a denominada “Lei Seca” que proibia a fabricação, troca, venda, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebida alcoólica (BERTONI; SANTOS, 2017, p. 104).

Assim, desde os tempos mais remotos aos atuais, encontramos o envolvimento da humanidade com o álcool ou outras drogas. Seu uso, atualmente, está relacionado a problemas clínicos, psiquiátricos e sociais. Problemas derivados desse uso podem acarretar o abuso e a dependência de substâncias psicoativas lícitas (aquelas legalizadas, produzidas e comercializadas livremente e que são aceitas pela sociedade como álcool e o tabaco) e substâncias psicoativas ilícitas, como a cocaína, maconha, *crack* etc. (drogas cuja comercialização é proibida pela legislação).

No prefácio do livro intitulado Drogas e cultura: novas perspectivas, o termo, psicoativos, é explicado por Simões (2008, p. 14) como sendo – um dos termos para nos referirmos às substâncias que modificam o estado de consciência, humor ou sentimento de quem as usa. Desse modo, na linguagem mais comum, drogas, significam substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas.

A explicação vinda de Lapate (2001) nos lembra que a droga pode ser tanto as bebidas alcoólicas quanto as especiarias, plantas e remédios.

Em linguagem científico-médica, droga é uma designação genérica de toda substância usada, capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em modificações psicológicas ou de comportamento. Quando bem utilizada por indicação médica se torna muito importante para o organismo e para o psiquismo humano. (p. 27)

O conceito do álcool como droga aparece de forma abrangente, mas basicamente considera-se droga tudo que se ingere e que não se constitui como alimento (SIMÕES, 2008). No caso do álcool, ele exerce sobre os indivíduos efeitos físicos e psicológicos, seu uso excessivo pode desencadear doenças como gastrite, pancreatite, hepatite alcoólica,



problemas para dormir, bem como uma intoxicação alcoólica. A intoxicação intensa do álcool chamamos de embriaguez (ESCOHOTADO, 1995).

Ao mesmo tempo em que são consideradas entre nós fermentos de sociabilidade e das celebrações, como afirma Simões (2008), as bebidas alcoólicas tornaram-se uma ameaça à saúde, à juventude e à família, por estarem intimamente ligadas à violência doméstica e aos acidentes de trânsito.

Observamos que o uso de bebidas alcoólicas é uma prática utilizada entre os povos desde tempos remotos. Porém, o consumo do álcool entre os adolescentes causa preocupação porque vem acontecendo em idade cada vez mais precoce e em meio ao seu cotidiano, o que nos motivou a realizar a presente pesquisa.

## **ESTUDANTES ADOLESCENTES DOS ESPAÇOS RURAIS E O CONSUMO DO ÁLCOOL**

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), considera-se adolescente aquele entre 12 a 18 anos de idade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a adolescência entre os 10 e 20 anos, não sendo possível fixar limites universais e exatos para a sua duração. Em nossa sociedade, a adolescência é caracterizada por uma relação biopsicossocial, a qual marca a transição do estado infantil para o estado adulto. Mas nem sempre tivemos tal compreensão, “a partir do século XX, a adolescência foi motivo de contínuos estudos, contudo, antes deste século, prolongavam a infância ou o entronizava brutalmente como jovem adulto” (DOLTO, 1990, p. 41).

Havia as chamadas cerimônias de iniciação, realizadas em muitas sociedades primitivas, em geral, severas provas destinadas à conversão do adolescente em um adulto dentro de poucos meses ou semanas (BRÊTAS et al., 2008). Mas, em sociedades como a nossa, é exigida uma longa preparação para que esse indivíduo entre no mundo adulto. Desta forma, temos adolescentes com todas as suas significativas características, perpassando pelos aspectos biológicos, com a chegada da puberdade, por mudanças psicológicas que, segundo Aberastury (1981), as que se produzem neste período são relacionadas com as mudanças corporais, que levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo, e mudanças sociológicas no que diz respeito aos seus novos papéis em sociedade.

Com todas essas mudanças, é frequente que, nesta fase, “os sentimentos adversos advindos das modificações corporais tornam-se comuns entre os adolescentes [...] levando ao surgimento de mudanças de fases que podem ser retratadas como período de negação,

fuga, revolta” (BRÊTAS et al., 2008, p. 405; ABERASTURY, 1981). Assim, a adolescência é o grupo etário que maior preocupação suscita quanto ao consumo do álcool, por sua exposição às drogas, “realizadas de maneira formal, seguindo padrões estabelecidos pela tradição, distinguindo-se, assim, das demais atividades societárias, por sua natureza simbólica e por serem realizadas em ocasiões específicas e períodos determinados” (BRÊTAS et al., 2008).

Conforme Strasburger (1999), o álcool é uma das drogas de acesso mais importantes para os adolescentes. Por ser uma das drogas mais consumidas por eles, já foi considerada “porta de entrada” para outras drogas ilícitas (BERTONI, 2006). Contudo, este pode ser um fator, mas que não é determinante como se pensava há algum tempo atrás. Scivoletto (2003, p. 372) descreve alguns desses fatores:

[...] o adolescente que começa a beber todos os finais de semana ou até com regularidade, usando o álcool para sentir o efeito da bebida e não pelo seu sabor, tem grande chance de passar a consumir outras drogas [...] no momento em que ele começa a ficar tolerante aos efeitos do álcool ou quando achar que tais sensações não são mais novidades pode decidir experimentar outras substâncias.

O consumo de bebidas alcoólicas apresenta diferentes riscos, entre eles a possibilidade de acidentes, em particular no trânsito, por conduzir automóveis ou motocicletas sob o efeito do álcool. Segundo levantamento realizado, em 2014, pelo Instituto Avante Brasil (IAB), tendo por base o relatório *Global Status Report on Road Safety* 2013, da Organização das Nações Unidas, o Brasil está no 4º lugar do *ranking* de países com maior quantidade de mortes ocasionadas por acidentes de trânsito.

Outro problema é a continuidade do consumo, passando do uso experimental habitual para padrões mais graves de abuso e dependência (SCIVOLETTO, 2003). Com os adolescentes não é diferente, “a experimentação de uma substância psicoativa coloca o jovem em situação de maior exposição a outros fatores capazes de contribuir para o uso regular e dependência” (SCIVOLETTO, 2003, p. 366). Para o autor, é na adolescência que as influências ambientais são mais suscetíveis, os chamados “modismos”. Seja pela opinião de amigos ou por outras influências culturais, sociais e econômicas, como também pela simples curiosidade natural dos adolescentes. Sendo assim, “quanto mais tarde se dá o início dessas substâncias, menos chances o indivíduo tem de acabar se tornando um usuário regular” (SCIVOLETTO, 2003, p. 378).

Lembrando que, o hábito de se beber moderadamente ou – socialmente, como costumamos dizer, por vezes, torna a pessoa tolerante à bebida e esta pode vir a transformar-se em um bebedor problema ou alcoolista (BERTONI, 2006).



Por muito tempo, “o indivíduo que bebia muito e possuía sérios problemas com a ingestão de bebida alcoólica era definido como alcoólatra” (BERTONI; SANTOS, 2017, p. 106). Porém, este termo foi substituído por alcoolista já que a expressão alcoólatra confere uma identidade e impõe um estigma que anula todas as outras identidades do sujeito, tornando-o tão somente aquilo que ele faz e que é socialmente condenado, não pelo que faz, mas pelo modo como o faz. Em outras palavras, não é a bebida em si, mas aquela pessoa que bebe mal, isto é, de modo abusivo, desregrado, que a leva à condição de ser socialmente identificada popularmente como alcoólatra, ou seja, quem “idolatra”, “adora” e se tornou dependente do álcool. Sendo proposto por alguns pesquisadores o termo alcoolista como uma alternativa menos carregada de valoração, isto é, de estigma (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008; BERTONI; SANTOS, 2017).

Nos espaços rurais, o consumo de bebidas alcoólicas é bastante difundido seja pela promoção de festas, torneios futebolísticos ou outras atividades culturais seja por seu uso ultrapassar gerações no seio familiar, seu consumo tornou-se uma prática que faz parte do cotidiano.

Para Escohotado (1995, p. 9), “os valores mantidos por cada sociedade influenciam as ideias que se formam sobre as drogas” (tradução nossa). Certamente, o caso do uso de bebidas alcoólicas entre membros de comunidades rurais é que passa a influenciar as representações que os adolescentes deste meio possuem sobre o álcool e seu consumo precoce.

Segundo Monteiro et al. (2011, p. 568), “consumo de álcool, apesar de ter aceitação social em praticamente todo o mundo, quando excessivo, passa a ser um problema”, o que pode desencadear um quadro de dependência do álcool, dependendo da dose, frequência e circunstância. O autor, ao realizar uma pesquisa com mulheres em uma comunidade rural do município de Teresina - PI, relata que as entrevistadas iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas ainda na infância, a partir dos 10 anos de idade, constituindo uma trajetória de vida permeada por bebidas alcoólicas.

Segundo o último levantamento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) divulgado pelo Governo Federal em 2010, mostrou que desde a década de 1980, as bebidas alcoólicas e o tabaco (cigarro) têm sido as substâncias mais consumidas pelos adolescentes. O estudo do CEBRID de 2010 é um levantamento epidemiológico, de corte transversal, que representa o universo de estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental (anteriormente denominadas 5ª a 8ª séries do ensino fundamental) e 1º ao 3º ano do ensino médio, de escolas públicas e privadas das 27 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. As drogas mais citadas pelos estudantes foram

as bebidas alcoólicas e o tabaco, respectivamente 42,4% e 9,6% para uso no ano. Para uso na vida, merece destaque o uso de energéticos em mistura com álcool (15,4%) referido em toda a amostra. Entre os anos de 2004 e 2010, foi observada a redução no número de estudantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, tanto para os parâmetros de uso na vida quanto no ano. Por outro lado, constatou-se o aumento para cocaína (CEBRID, 2010).

Segundo o mesmo levantamento do CEBRID, na capital do Maranhão, São Luís, as drogas mais citadas pelos estudantes do ensino fundamental e médio foram bebidas alcoólicas e tabaco. Entre os anos de 2004 a 2010, os dados apontam para a redução da proporção de estudantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, tanto para os parâmetros de uso na vida quanto no ano. Por outro lado, foi observado o aumento para uso na vida e no ano de *crack*.

Todavia, o relatório divulgado pelo CEBRID possui lacunas de informações sobre a população do campo, de modo particular os adolescentes. Esta população que se caracteriza pela diversidade cultural, histórica e social não tem sido reconhecida, sendo marcada pelas desigualdades impostas a essa população (SCHOLZE et al., 2015). Conforme dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2010), o número de adolescentes entre 10 a 19 anos é de aproximadamente de 45 milhões, contudo, o censo não apresenta o quantitativo de adolescentes que vivem nos espaços rurais no Brasil. Há uma ausência de dados mais específicos quanto ao espaço rural, o que podemos associar a uma dificuldade logística e financeira dos estudos domiciliares por amostragem para se atingir este público (SCHOLZE et al., 2015).

Scholze et al. (2015), ao realizarem uma pesquisa intitulada “Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: uma constatação de ausências”, tendo como objetivo identificar se há políticas públicas e levantamentos epidemiológicos que têm contemplado a problemática sobre o consumo de álcool entre a juventude rural, com buscas em *sites* dos órgãos oficiais, como Ministério da Saúde, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), bem como em 03 bases virtuais de dados, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e a Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), constataram a inexistência de políticas públicas e levantamentos epidemiológicos que contemplem a problemática sobre o consumo de álcool entre a juventude rural nos últimos 12 anos, considerando que estes englobam especificamente a população urbana.

Não sendo diferente nos espaços rurais da região central no Maranhão, sem uma política pública sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes rurais, esta localidade segue invisível diante da problemática. Por se tratar de um cenário de intensas mudanças, seja pelos diversos conflitos e contradições, seja no âmbito político, econômico, cultural e/ou ambiental é fundamental pensar nos adolescentes que compõem estes espaços rurais, a partir de políticas que tenham como um dos seus objetivos as práticas de hábitos saudáveis, dando maior visibilidade às suas necessidades, suas falas, para conhecer às diversas representações construídas pelos adolescentes sobre as mais diferentes drogas, dentre elas o álcool.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa foi realizada no período de 2019 a 2020, com 178 adolescentes rurais que estudam do 6º ao 9º ano, na região central do Maranhão. Os resultados mostram que 33,15% dos entrevistados relataram já terem consumido ou que consomem bebidas alcoólicas com faixa etária entre 12 a 19 anos. Deste percentual, 21, 35% são do sexo feminino.

Relacionado à companhia quando feito o primeiro consumo, em primeiro lugar estão os amigos (22,47%) e depois os parentes (3,93%). Os pais aparecem em terceiro lugar, com (2,81%). O local mais citado onde fazem uso das bebidas foram os bares (14,60%), seguido do lar e casa de amigos (12,92%).

Foi possível verificar também, que o primeiro contato dos adolescentes não se deu somente pelo consumo, mas também pelo ato de comprar bebidas para familiares ou amigos, porque dos entrevistados, setenta e seis (76) alunos já compraram bebidas para parentes e amigos. E em relação ao tipo de bebidas que consumiram, 10,11% responderam o vinho como a bebida mais consumida, em seguida 9,55% disseram ter sido cerveja. Ainda relacionado a essa pergunta, 10,67% dos alunos responderam que consumiram mais de um tipo de bebida, incluindo bebidas que não estavam na lista do questionário.

É notório que o papel social da escola quanto à conscientização sobre o consumo de bebidas alcoólicas por crianças e adolescentes se faz necessário, assim como o cumprimento das leis por parte dos proprietários de estabelecimentos que vendem bebidas alcoólicas referente à proibição da venda para esses.

A Tabela 1 mostra, entre os estudantes que relataram consumir bebidas alcoólicas, os fatores motivacionais que os levaram a este consumo.

**Tabela 1** – Fatores motivacionais que os levaram a este consumo (n = 59), Médio Mearim, 2020.

| Variáveis                  | N  | %    |
|----------------------------|----|------|
| Para acompanhar amigos     | 16 | 27,1 |
| Porque ofereceram          | 14 | 23,7 |
| Não quiseram responder     | 13 | 22   |
| Sentir-se bem em festas    | 11 | 18,7 |
| Para esquecer os problemas | 5  | 8,5  |

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Chama-nos à atenção, entre os resultados, o fato de cinco estudantes relatarem o consumo de álcool no desejo de esquecer seus problemas. Embora, em uma mensuração percentual, possa parecer um pequeno número, este dado é preocupante e nos lança um olhar sobre o sentido que o consumo de álcool ocupa na vida desses adolescentes.

Em uma pesquisa realizada em 2017 e 2018, por alguns pesquisadores integrantes do grupo de estudos e pesquisas sobre Gênero, Políticas, Álcool e Drogas (GePAD) e do curso de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), ambos da UESB, em parceria com o Instituto Federal do Maranhão (IFMA), entrevistaram 22 estudantes maranhenses do 7º ao 9º ano do ensino fundamental, de ambos os sexos, matriculados em uma escola pública de uma comunidade rural maranhense, selecionados pelas idades entre 12 a 14 anos. Com uma igual proporção masculina (50%) em relação à feminina (50%). O percentual etário apresentou variação: sendo 45,5% com idade de 14 anos, 22,7% com 13 anos e 31,8% com 12 anos. Tais percentuais não foram equiparados ao seu ano escolar. No 7º ano, tivemos 45,5% de participantes. Seguidos de 40,9% no 8º ano e 13,6% dos participantes encontrando-se no 9º ano. Diante disso, foi constatado que 89,6% dos alunos com idade de 14 anos não estavam matriculados no 9º ano, ano que corresponde a sua faixa etária (BATISTA, 2018).

Na presente pesquisa, quando verificamos o mesmo item: - o consumo por ano escolar, encontramos 7,87% dos entrevistados com idade entre 15 a 19 anos matriculados no ensino fundamental, nos levando a observar a existência da distorção idade/série nas comunidades pesquisadas da região central do Maranhão.

Questionados sobre sua participação em palestras com temas relacionados à prevenção, informações sobre o álcool, 66,85% apontaram nunca ter participado destas palestras. Percentual semelhante à pesquisa de Batista (2018), que identificou um percentual

de 22,7% dos adolescentes entrevistados não consideraram o álcool como uma droga. Sendo que 68,2% dos alunos afirmaram não ter recebido da escola informações sobre bebidas alcoólicas, seus efeitos, abuso e dependência. E 54,49% demonstrou interesse em participar de palestras.

Sobre a precocidade do consumo, apresentaram uma variação entre os 08 aos 15 anos de idade. Situação similar foi encontrada por Anjos et al. (2012) ao pesquisar o perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares no ensino médio em uma cidade do interior da Bahia. Do total de entrevistados, 78% dos estudantes, alvo do referido estudo, afirmou que já havia experimentado bebida alcoólica, 7% informou ter ingerido pela primeira vez quando tinham de 05 a 10 anos de idade.

De modo mais amplo, temos os resultados encontrados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2015), realizadas com 2,6 milhões de estudantes que cursaram o 9º ano do Ensino Fundamental em 2015, apurou que 55,5% dos estudantes da rede pública e privada já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, com idade entre 13 a 15 anos de idade.

Na pesquisa de Batista (2018), um dos entrevistados teve seu primeiro contato a partir dos 08 anos de idade. Conforme considerado anteriormente, este consumo pode incorrer em prejuízos para estes sujeitos que se encontram em idade peculiar de desenvolvimento.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

O que podemos apontar, de antemão, é que a falta de informações sobre o álcool, dentro ou fora do espaço escolar, pode constituir-se como uma das causas de seu consumo precoce entre crianças e adolescentes. Nesse sentido, defendemos a necessidade da inclusão da temática na formação continuada dos professores que trabalham nesses espaços, para um planejamento futuro quanto à abordagem do tema dentro do contexto escolar.

A pesquisa também nos permitiu identificar a influência dos grupos sociais acerca do consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes rurais. O estudo desvelou que há uma estreita relação do consumo do álcool pelos estudantes e a influência dos amigos que oferecem a bebida nas mais diversas ocasiões, dos pais que bebem na presença destes adolescentes ou que vendem estas bebidas para os menores de idade.

Isto revela que estes estudantes não estão em condições diferentes dos estudantes do meio urbano, os quais, conforme literatura, recebem influência dos amigos para o consumo.

Os dados analisados também demonstram diferenças no que diz respeito ao gênero e o consumo do álcool quando nos aponta um percentual não equilibrado de consumidores entre ambos os sexos. O que nos aponta a possibilidade de outros estudos com um olhar voltado para uma problemática que precisa de uma orientação diferente na perspectiva de gênero.

A afirmação de alguns adolescentes que tiveram seu contato com o álcool ainda na infância reforça os dados encontrados de outras pesquisas que citam a precocidade do ato pelos adolescentes.

O título deste artigo tem o propósito de chamar à atenção do leitor para a primeira idade do contato do adolescente com o álcool e nos levar à reflexão sobre o porquê desta experiência ao ouvir os entrevistados.

“Eu só provei”, relata o adolescente, e logo nos deparamos com a possível curiosidade do sabor, cheiro, sensação. Poderia a maximização do produto, por parte dos consumidores, mover a curiosidade de crianças e adolescentes, fazendo-os acreditar que provar é permitido, até aconselhável, em algumas situações. Além da influência dos amigos, como citado, temos, também, a propaganda de bebidas alcoólicas que encorajam o seu consumo, pois para isso existem.

As respostas aqui apresentadas nos instigam para estudos posteriores, pois apontam para a necessidade da realização de diversas ações no espaço rural, pautados em eixos que se interligam. Uma política transversal que aborde o consumo de bebidas alcoólicas e a evasão escolar, gênero, informações sobre o consumo, abuso e prevenção entre os estudantes adolescentes. Estes são alguns eixos que, em conjunto com as secretarias municipais, estaduais e as comunidades locais, poderão possibilitar reflexão, debate e ações sobre a precocidade do consumo do álcool nos espaços rurais no estado do Maranhão.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal do Maranhão-IFMA que contribuiu com financiamento desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ANDRADE, T. M.; ESPINHEIRA, C. G. D'A. A presença das bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas na cultura brasileira. In SUPERA - **Sistema para detecção do uso**



**abusivo e dependência de substâncias psicoativas:** encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Módulo 1: O uso de substâncias psicoativas no Brasil: epidemiologia, legislação, políticas públicas e fatores culturais. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas: Brasília/Brasil, 2008.

BATISTA, W. de F. V. **Consumo de bebidas alcoólicas:** memórias e representações sociais de adolescentes de uma comunidade rural maranhense. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) – PPGMLS, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

BERTONI, L. M.; SANTOS, R. V. R. Alcoolismo e meio rural. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 1, p. 98-113, jan./jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução Nº 510 de 07 de abril de 2016**. Brasília/Brasil, 2016. Disponível em: <[www.gpece.org.br/home/secao.asp?id\\_secao=341](http://www.gpece.org.br/home/secao.asp?id_secao=341)>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRASIL. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos (1996). Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 196/96**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2021

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **lei nº 13.106**, de 17 de março de 2015, que altera a lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - estatuto da criança e do adolescente. Brasil, 2015. Disponível em: <<https://www.migalhas.com.br/quentes/217412/sancionada-lei-que-criminaliza-venda-de-bebida-alcoolica-para-menores>>. Acesso em: 19 jan. 2021

BRASIL. Ministério da Saúde. Uso Abusivo de Bebida Alcoólica. **Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico – VIGITEL**, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/25/uso-abusivo-de-bebida-alcoolica-teve-aumento-maior-entre-mulheres-do-que-homens-diz-levantamento.ghtml>>. Acesso em: 22 jan. 2021

CARNEIRO, H. **Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna**. Economia e embriaguez do século XVI ao XVII. Historiador Eletrônico, 2004. Disponível em: <[http://www.neip.info/downloads/t\\_henrique\\_historia.pdf](http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf)>. Acesso em: 02 dez. 2020

CARNEIRO, H. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas:** histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CENTRO BRASILEIRO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS. **I Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes de Ensino Fundamental e Médio das Redes Públicas e Privadas de Ensino nas 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD/CEBRID, 2007.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, S. F. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

DOS ANJOS, K. F.; SANTOS, V. C.; ALMEIDA, O. da S. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Revista Saúde.Com**, v. 8, n. 2, p. 20-31, 2012. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/rsc/article/view/217>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

ESCOHOTADO, A. **Aprendiendo de las drogas**. Barcelona, Anagrama, 1995.

GARATTONI, B. **Dez mil anos de pileque** – a história da bebida, set. 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/dez-mil-anos-pileque-historia-bebida-447717.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2020

INSTITUTO AVANTE BRASIL. [IAB]. **Mortes no trânsito**. Disponível em: <<https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/113704460/mortes-no-transito-brasil-e-o-4-do-mundo>>. Acesso em: 04 dez. 2020

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [IBGE]. **Atlas do espaço rural brasileiro**. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94413.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2021

LAPATE, V. **Hora Zero**: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem. São Paulo: Scortecci, 2001.

LARANJEIRA, R.; PINSKY, I. **O Alcoolismo**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEIRO, C. F. de S. [et al.]. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. Pesquisa Research – investigación. **Esc Anna Nery (impr)**, v. 15, n. 3, p. 567-572, 2011.

MOREIRA, C. Distorção idade-série na educação básica. **Jus Brasil**, Espírito Santo – SC, 2013. Disponível em: <<https://cmoreira2.jusbrasil.com.br/artigos/111821615/distorcao-idade-serie-na-educacao-basica>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR. [PeNSE]. **PeNSE 2015**. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

ROZIN, L.; ZAGONEL, I. P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enfermagem**, v. 25, p. 314-18, 2012.

SCIVOLETTO, S. Abuso e dependência de drogas. In: SAITO, M. I.; SILVA, L. E. V. da Silva (Org.). **Adolescência prevenção e risco**. 2. ed. São Paulo: Editora Atheneu, 2003. p. 567-578.

SCHOLZE, A. R.; ZANATTA, L. F.; BRÊTAS, J. R. da S. Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: uma constatação de ausências. **Revista Contexto & Saúde**, Ijuí: EDUNIJUI, v. 15, n. 29, p. 63-68, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/download/4251/4729>>. Acesso em: 03 jan. 2021.

SILVA, D. E. da. A ingestão de álcool na adolescência e suas consequências neuronais: o papel do educador nesse contexto. **Revista Acadêmica Licenciatura**, Ivoti, v. 2, n. 1, p. 07-15, jan/jun. 2014.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 17, n. 1, 2015.

SIMÕES, J. A. Prefácio. In: LABATE, B. C. [et al.]. (Org.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

STRASBURGER, V. C. **Os adolescentes e a mídia**: impacto psicológico. Trad. Deyse Batista. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 1999.

#### Como citar:

##### ABNT

BATISTA, W. F. V.; COSTA FILHO, J. S.; BERTONI, L. M.; OLIVEIRA, L. V. “Eu só provei!” Estudantes dos espaços rurais maranhenses entre os consumidores de bebidas alcoólicas. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 7, e202126, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202126>>. Acesso em: 11 out. 2021.

##### APA

Batista, W. F. V., Costa Filho, J. S., Bertoni, L. M., & Oliveira, L. V. “Eu só provei!” Estudantes dos espaços rurais maranhenses entre os consumidores de bebidas alcoólicas. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 7, e202126. Recuperado em 11 outubro, 2021, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202126>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2021, Universidade Federal do Maranhão.

